



PARA ALÉM DA SALA DE AULA: metodologias ativas e a construção de uma educação que valorize a cultura afro-brasileira

Egon Adahil Ferreira Martins ¹

RESUMO

O artigo apresenta uma reflexão sobre a implementação de metodologias ativas e inovadoras no contexto educacional, com foco na valorização do aprendizado e na promoção da diversidade cultural. Inicialmente, destaca-se a necessidade de desaprender conceitos arraigados para abrir espaço a novas abordagens pedagógicas. Através de uma experiência vivencial em um terreiro de candomblé, durante dois finais de semana, exploramos desafios e oportunidades proporcionados por essa imersão metodológica e cultural. Discussões sobre pedagogia decolonial, leituras prévias e interações com a comunidade local enriqueceram o processo de aprendizagem. Além disso, são abordadas reflexões sobre a necessidade de repensar a configuração do espaço educacional tradicional. Por meio de exemplos práticos, como a apresentação do espetáculo teatral "MatemÁfrica" e a visita a um terreiro de candomblé em Olinda, são exploradas novas perspectivas para o ensino e aprendizagem, destacando a importância da conexão com as tradições culturais afro-brasileiras. A experiência de dormir no terreiro proporcionou uma imersão profunda na espiritualidade e ancestralidade, promovendo sentimentos de gratidão e conexão com a diversidade cultural. Em suma, o artigo enfatiza a importância de métodos educacionais inovadores e culturalmente relevantes para promover uma educação mais inclusiva, reflexiva e antirracista.

1 INTRODUÇÃO

Algumas instituições educacionais, assim como professores que buscam uma maior valorização do aprendizado, visam mudanças progressivas num aspecto mais amplo. No formato de sala de aula tradicional, usa-se metodologias ativas de forma que o aluno elabore projetos interdisciplinares, a partir de ferramentas como a sala de aula invertida e afins. Há professores e instituições que propõem modelos mais inovadores, por isso é preciso desaprender algo para aprender novamente. Abro esse relato de experiência com a seguinte citação de Lélia Gonzalez (1982, p.3):



estamos cansados de saber que nem na escola, nem nos livros onde mandam a gente estudar, não se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro e do indígena na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles.

A partir dessa fala vou seguir trazendo tudo o que foi essa imersão metodológica e cultural vivida em dois finais de semana numa disciplina vivida num terreiro de candomblé.

Inicialmente, o contato veio com a inscrição na disciplina “Metodologias, aprendizagem e educação para as relações étnico-raciais”, que faz parte do programa de pós-graduação em educação e em ciências e matemática, do PPGECM da UFPE. A grande surpresa vem quando saiu a ementa que nos informava dos dois momentos em imersão cultural e educacional num terreiro de candomblé, o qual foi o Ilê **Afoxé Omô Nile Ogunja** situado no bairro do Ibura em Recife-PE. Lemos alguns textos antes do primeiro encontro, que foi **Pedagogia Decolonial** - C. WASH e **Descolonizando a Tecnologia Educacional** de John Traxler (2022).

Ambas leituras me possibilitaram uma reflexão sobre como podemos pensar e agir de forma que outras metodologias apontem caminhos diferentes na perspectiva da sala de aula. Em seguida, tivemos contato com o *colabitis* virtual, mais uma ferramenta dentro do ambiente escolar. Assim, seguimos para nosso primeiro momento tão aguardado. No caminho até o Afoxê, tivemos vários diálogos com os colegas, ao qual dividi carona, de que não fazia sentido algum, para nós, uma aula dentro de um terreiro de candomblé. Todos nós pensamos assim!

A cada momento, a surpresa era maior. Quando entramos no terreiro, tivemos o primeiro grande impacto, a quantidade de pessoas, que era mais de 40. O dia seguiu com discussões sobre metodologias ativas, sobre leituras de textos, que anteriormente tivemos acesso, assim como outras leituras e problematizações. certo receio em se comunicar e explanar opiniões, mas ali estava um ambiente tão acolhedor que cada momento era sempre uma surpresa diferente e apto a uma nova opinião.



Podemos pensar um pouco sobre decolonialidade metodologias ativas observando essa foto, uma desconstrução da sala de aula tradicional.

Os métodos tradicionais de ensino já se mostraram ineficientes levando em conta a particularidade do aprendizado de cada criança. A configuração do espaço convencional que intenta vigiar e disciplinar encontra-se ultrapassada e precisa ser repensada. (Batista, p.14.)

Figura 1- Sala de aula



Foto: Acervo do autor.

Na imagem acima, estamos no terreiro de candomblé, participando dessa imersão que foi o diálogo e reflexão com diferentes pensamentos a fim de pensar em novas possibilidades para a sala de aula. Para isso, também é necessário avaliar os estudos feitos pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) que documenta a realidade da educação no Brasil, pois aponta, como dado, ser um dos países que menos gasta com educação no Ensino Fundamental e Médio, assim como os salários dos professores que atuam na rede pública.

É importante ressaltarmos que o desejo do Brasil em fazer parte da OCDE não é recente e mesmo ciente de tantos critérios, demonstra publicamente a busca por oportunidades e por melhorias na gestão educacional, aos quais os países membros e ouvintes detém.



Segundo a OCDE(2018, p 6):

Remuneração e condições de trabalho são aspectos significativos para a atração, o aprimoramento e a retenção de profissionais especializados e altamente qualificados. No Brasil, o piso salarial é estabelecido por lei para os profissionais que lecionam em todas as etapas, do ensino fundamental ao médio. Em 2017, essa remuneração correspondia a 14.000 dólares, em comparação aos 30.000 dólares em média nos países OCDE para os docentes de cada uma dessas etapas educacionais. O salário estatutário não engloba gratificações e outras compensações monetárias, de modo que a remuneração real pode variar em razão de fatores como experiência, qualificação, tipo de instituição e, até mesmo, região geográfica. Não obstante, o salário mínimo estatutário pode chamar atenção para o potencial de atração da profissão docente e no Brasil essa remuneração é consideravelmente inferior à de outros países latino americanos, tais como o Chile (cerca de 24.000 dólares), Costa Rica (cerca de 24.900 dólares) e México (variando entre 20.000 dólares na pré-escola e anos iniciais do ensino fundamental até 49.300 no ensino médio).

Segundo Paulo Freire (2005), a educação não pode ser um conhecimento bancário, armazenado e não compartilhado na mesma proporção. Nesse sentido, essa imersão nos trouxe reflexões para toda a vida, seja sobre a educação, o amor e a fraternidade.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fixadores das coisas que arquivam. (Freire, 2005, p. 66- 67)

Neste espaço, desconstruimos muitos preconceitos e isso foi importante para que possamos multiplicar esses ensinamentos em nossas salas de aulas e na vida de quem nos rodeia.

Assim, a pedagogia decolonial se caracteriza por romper com a educação hegemônica herdada pelo colonialismo, que hoje está instaurada em nossa sociedade. Podemos dizer que: enquanto o colonialismo operou predominante nos setores econômicos e políticos, a colonialidade sobrevive, ainda hoje, dissolvida nas relações sociais, em forma de subalternação dos povos, no racismo estrutural, e na desvalorização cultural dos povos africanos e indígenas. Oliveira e Cadau (2010 p. 18) afirma que:



O colonialismo é mais do que uma imposição política, militar, jurídica ou administrativa. Na forma da colonialidade, ela chega às raízes mais profundas de um povo e sobrevive apesar da descolonização ou da emancipação das colônias latino-americanas.

Figura 2 - Apresentação do MatemAfrica-Grupo de estudos AYA-SANKOFA



Foto: Acervo do autor

A apresentação do **MatemÁfrica** consistiu na apresentação do espetáculo teatral intitulado **MatemÁfrica**: raízes do voo da Sankofa e a potência do Boi-Bumbá. Ele destaca a ancestralidade, possibilitando perspectivas decoloniais que tensionam a matemática e o seu ensino, bem como a formação de professores que lecionam essa disciplina.

Carvalho, Rocha e Vasconcelos (2023, p. 9) apresentam que:

Toda a construção do espetáculo teatral esteve envolta nas energias do que se entende por Africanidades e as suas dimensões. Também é possível perceber que estas dimensões estão relacionadas entre si. No espetáculo, a narrativa desenvolvida não teve foco em um conceito matemático específico, mas principalmente no aspecto cultural da matemática enquanto também uma linguagem para leitura do mundo.

Vale ressaltar uma questão importante, para mim e para os demais que puderam sentir a sensação que foi dormir esses três primeiros dias, do primeiro final de semana, no próprio terreiro do Afoxé. Eu e mais cinco colegas ficamos alocados no próprio

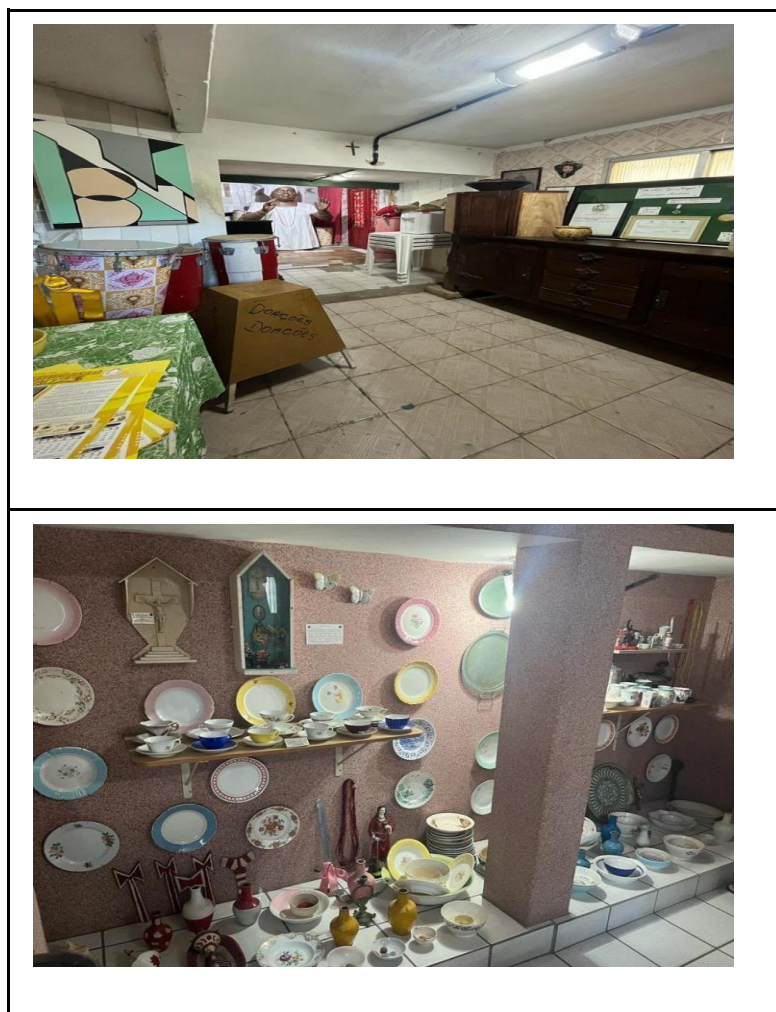


ambiente e isso nos possibilitou vivenciar todas as atividades do terreiro.

2 IDA AO TERREIRO DE XAMBÁ

Conhecer pessoalmente o terreiro de Xambá em Olinda é adentrar no universo da espiritualidade e das tradições ancestrais afro-brasileiras. Quando entramos no terreiro, fomos recebidos com respeito e com acolhimento pelos praticantes e pelos líderes espirituais, que compartilharam seus conhecimentos e suas experiências com generosidade. O ambiente é permeado por uma atmosfera de conexão com a natureza, com ritmos e melodias que evocam a presença dos ancestrais.

Figuras 3 - Terreiro de Xambá



Fonte: Acervo do autor



As vivências no terreiro de Xambá, em Olinda, proporcionaram uma imersão nas práticas do candomblé e na cosmologia africana. Nas fotos, é possível presenciar alguns rituais, como as cerimônias de saudação aos orixás, em que danças, cânticos e oferendas são dedicados às divindades. Cada gesto, cada palavra pronunciada carrega simbologia, transmitindo a sabedoria ancestral, preservada e compartilhada a cada geração.

Além das cerimônias, o terreiro também é um espaço de aprendizado e troca de conhecimentos. É comum a realização de palestras, de cursos e de oficinas que abordam a história, os mitos e os valores da religião afro-brasileira. A partir dessas atividades, os visitantes têm a oportunidade de compreender a importância dessas tradições para a identidade e para a resistência do povo negro.

Assim, o terreiro de Xambá é um espaço de conexão com a espiritualidade e a preservação da memória coletiva, de fortalecimento da identidade afro-brasileira. É um convite para uma jornada de autoconhecimento, de reconexão com as nossas próprias raízes e de respeito à diversidade cultural que permeia o nosso país.

Figura 4 - Participantes do projeto



Fonte: Acervo do autor.



3 DORMIDA NO TERREIRO

Tivemos a oportunidade de dormir 2 noites no terreiro do Afoxé e podemos dizer que foi uma experiência singular e profunda, nos transportando para um universo de celebração, de devoção e de ancestralidade. É uma forma de vivenciar intimamente a espiritualidade afro-brasileira e a cultura do candomblé.

Durante a estadia, fomos acolhidos pela comunidade do Afoxé, que nos recebeu com afeto e nos guiou por uma jornada de conexão com os orixás e as entidades espirituais. O ambiente foi preenchido por cânticos, toques de tambores e danças, que nos levaram a mergulhar nas energias sagradas do terreiro. Além da dimensão espiritual, a dormida foi uma experiência de convivência comunitária e de partilha.

A noite é marcada pela união das pessoas, que se reúnem para celebrar, cantar, dançar e compartilhar histórias e experiências. É uma ocasião para fortalecer laços, construir amizades e sentir a força da coletividade. Este lugar nos fez um convite para abrir o coração e a mente e entregar à espiritualidade e à vivência das tradições afro-brasileiras. Essa experiência despertou sentimentos de gratidão, de respeito e de conexão com o divino, deixando uma marca indizível na nossa jornada espiritual e cultural.

4 DIA FINALIZAÇÃO DAS EQUIPES DOS PROJETOS

Após as avaliações dos dados recolhidos, mediante a apresentação do nosso projeto na escola Lagoa Encantada, ficamos incumbidos de montarmos oficinas que atendessem as necessidades pedagógicas e culturais daquele ambiente escolar. No decorrer das reflexões, concluímos que poderíamos nos separar, por disciplinas, e cada participante faria sua abordagem, deixando em evidência uma premissa comum que é a valorização das contribuições do continente africano. Dentro das possibilidades, fiquei com a disciplina de química e abordei as contribuições do desenvolvimento da cana de açúcar, o que resultou na proposta a seguir.



5 TÍTULO DA OFICINA: CANA-DE-AÇÚCAR: UMA PROPOSTA DE ENSINO EM QUÍMICA E DE VALORIZAÇÃO CULTURAL AFRO-BRASILEIRA

5.1 OBJETIVOS:

5.1.1 Objetivo geral:

- Discussão sobre racismo e discussão das contribuições das matrizes africanas no desenvolvimento da química industrial.

5.1.2 Objetivos específicos:

- Abordar a química orgânica através dos aspectos de produção que utilizam a cana-de-açúcar;
- Discutir conceitos de fermentação e outras aplicações dessa técnica;
- Abordar classificação de compostos orgânicos, funções orgânicas, classificação de cadeias carbônicas.

5.2 PREPARAÇÃO:

- Discutir o racismo como forma de combater os preconceitos já existentes em nossa sociedade e desta forma valorizar conhecimentos provenientes do continente africano, que são presentes em nosso dia a dia e vale ressaltar que não teríamos todo esse desenvolvimento sem ajuda do povo africano;
- Apresentação da cana-de-açúcar, percepção e sensação do tato e cheiro;
- Abordagem sobre o caldo de cana.

5.3 FATORES CRÍTICOS PARA O SUCESSO DA IMERSÃO:

- Que os estudantes possam entender, baseando na história contada e apresentada, as contribuições do povo africano;
- Que haja reflexões dos estudantes para ir além da história eurocêntrica.



5.4 PRÁTICAS INCLUSIVAS:

- Acesso para crianças cegas, dentro da perspectiva do contato, do manuseio e do cheiro da cana-de-açúcar.

5.5 ROTEIRO DE APLICAÇÃO:

A cana-de-açúcar é provavelmente o único produto de origem agrícola, destinado à alimentação que ao longo dos anos foi alvo de disputas e conquistas, mobilizando homens e nações. A planta que dá origem ao produto encontrou lugar ideal no Brasil. Durante o Império, o país dependeu basicamente do cultivo da cana e da exportação do açúcar. Calcula-se que naquele período da história, a exportação do açúcar rendeu ao Brasil, cinco vezes mais que as divisas proporcionadas por todos os outros produtos agrícolas, destinados ao mercado externo.

Trabalhar a apresentação do vídeo a seguir, que aborda os aspectos iniciais da produção do açúcar, nos engenhos.

<https://youtu.be/Rvw5rHB5bL0>

Percebe-se que a cana-de-açúcar não origina somente o açúcar e a bebida alcoólica, denominada, cachaça, mas todo o seu material é usado e aproveitado, durante a produção, uma vez que a composição é basicamente: 74,5% de água, 25% de matéria orgânica e 0,5% em matéria mineral. Desse modo, a matéria orgânica, conhecida como bagaço, é constituída de sólidos insolúveis em água. O caldo é composto de água e de todos os sólidos solúveis (açúcares, cinzas, materiais nitrogenados e outros).



Nessa parte podemos trabalhar a proporção dos componentes da cana-de-açúcar, e também a solubilidade dos compostos químicos:

SOLUBILIDADE DE COMPOSTOS ORGÂNICOS

Trabalhar os conceitos de solubilidade:

Solubilidade é a propriedade física das substâncias de se dissolverem, ou não, em um determinado líquido. Exemplo:

Os hidrocarbonetos, compostos presentes na gasolina, são apolares e apresentam pouca solubilidade em água, que é polar.

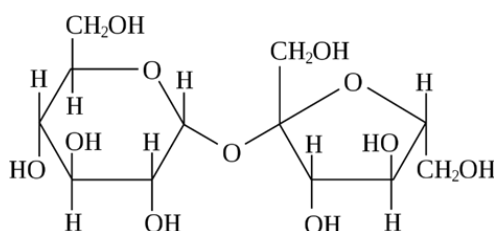
Os álcoois, como o etanol e o metanol, são polares devido à presença do oxigênio na cadeia carbônica e, por isso, são solúveis em água.

Nesse sentido, a fermentação alcoólica do caldo da cana-de-açúcar ocorre devido à presença de micro- organismos, como os da espécie *Saccharomyces cerevisiae*, levedura popularmente conhecida como fermento de pão. A sacarose presente é convertida em glicose e frutose pela enzima *invertase* das leveduras e, posteriormente, transformadas em etanol e dióxido de carbono.

Aqui podemos abrir o questionamento sobre fermentação, sugestão, dividir a turma em grupos distintos para pesquisar sobre a fermentação no dia a dia:

Grupo 1 – Fermentação do pão Grupo 2 – Leite Fermentado Grupo 3 – Cerveja
Grupo 4 – Cachaça

Molécula da sacarose:





A sacarose, conhecida comumente como açúcar, é um sólido cristalino à temperatura ambiente, que se dissolve em água e possui sabor doce. A sacarose é encontrada em diversas plantas, principalmente na beterraba e na cana-de-açúcar. Por muito tempo, até meados do século XVIII, o açúcar foi considerado artigo de luxo e, por isso, não era usado na alimentação, mas apenas como calmante.

Com o cultivo da cana-de-açúcar, na América, e da beterraba, na Europa, o uso desse produto se intensificou. No Brasil, obtém-se o açúcar principalmente, a partir da cana-de-açúcar, que é moída, obtendo-se a garapa, com alto teor de sacarose. Por fim, essa garapa é aquecida, formando um melaço, que contém aproximadamente 40% de sacarose em massa. Parte dessa sacarose se cristaliza, formando o açúcar comum.

Com a molécula da sacarose podemos trabalhar as funções orgânicas presentes nela

Podemos observar a presença de várias hidroxilas (OH) e a presença de oxigênio entre carbonos, caracterizando a função éter.

HIDROXILA

ÉTER

Também podemos trabalhar a classificação de cadeias carbônicas:

Aberta / Fechada – Pois os ciclos não são totalmente fechados por carbonos.

Homogênea/ **Heterogênea** - Pois há um heteroátomo (átomo diferente de carbono) no meio da cadeia.

Ramificada / Não -ramificada – Pois há ramificações, ou radicais, ligados a cadeia principal. **Saturada** / Insaturada – Pois não apresenta ligações pi entre carbonos (duplas e/ou, triplas)



Também podemos abordar dentro desse conceito o entendimento sobre formulas químicas.

O açúcar de cana, cientificamente denominado sacarose, é uma substância formada por moléculas e representada por $C_{12}H_{22}O_{11}$. Explique o significado da representação $C_{12}H_{22}O_{11}$, relacionando-a à molécula de sacarose.

Resolução

A fórmula $C_{12}H_{22}O_{11}$ representa uma única molécula de sacarose. Esta fórmula química nos mostra que uma molécula de sacarose é formada por 12 átomos de carbono, 22 átomos de hidrogênio e 11 átomos de oxigênio.

Após a fermentação do caldo da cana-de-açúcar rico em sacarose, acontece a quebra da molécula de sacarose para produção de etanol, baseado nos conceitos de nomenclatura de compostos orgânicos escreva a fórmula química do etanol.

Resolução C_2H_5OH ou C_2H_6O

5.6 EXPECTATIVA DA APRENDIZAGEM:

Espera-se que a partir da aplicação desta oficina os alunos possam compreender as contribuições dos povos africanos na nossa cultura, nos recursos que utilizamos, valorizando o conhecimento e a história desses povos.

O açúcar por ser um recurso tão comum no nosso dia a dia, por vezes, pode não despertar a curiosidade sobre sua origem, e com esse material, resgatar a influência africana na nossa cultura.

5.7 RECURSOS

A presente proposta de oficina que traz contribuições para o ensino de química, propõem-se que seja abordada numa turma de química nos anos finais do Ensino



Médio, sendo necessário o uso dos materiais:

- Cana-de-açúcar



- Açúcar cristal
- Recursos áudio visuais (*Data show*, Computador)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência no terreiro de candomblé é uma experiência enriquecedora que pode contribuir significativamente para a educação de qualquer pessoa. No candomblé, encontramos um verdadeiro tesouro de saberes ancestrais que valorizam a cultura, a espiritualidade e a coletividade. No terreiro, a educação vai além das salas de aula convencionais. Aprende-se sobre os rituais sagrados, a dança, a música, os símbolos e os mitos que compõem essa tradição milenar. Essa forma de conhecimento, transmitida oralmente, de geração em geração, proporciona uma compreensão profunda da história, da identidade e das relações humanas.

Ao estudar sobre educação no terreiro de candomblé, somos convidados a refletir sobre a importância da ancestralidade, do respeito à diversidade e da valorização das culturas tradicionais. Esses ensinamentos nos ajudam a desenvolver uma consciência crítica e a reconhecer a pluralidade dos saberes presentes em nossa sociedade. Além disso, o terreiro de candomblé é um espaço de acolhimento e de construção comunitária. Nele, aprendemos sobre a importância da solidariedade, da empatia e do cuidado com o próximo. Esses valores fundamentais são essenciais para



a formação de cidadãos comprometidos com a justiça social e com um mundo mais inclusivo.

A vivência nos convida a transcender barreiras culturais e religiosas, promovendo o diálogo intercultural e o respeito às diferenças. Essa experiência enriquece os nossos conhecimentos e também nos transforma como indivíduos, despertando uma consciência mais ampla e mais sensível.

Portanto, a vivência, ao estudar sobre educação dentro de uma perspectiva de metodologias ativas, reconhece a importância da diversidade cultural, da promoção da inclusão e da equidade, cultivando valores fundamentais para a construção de uma sociedade mais solidária.

Por fim, e não menos importante, os meus mais sinceros agradecimentos aos professores que propuseram essa enorme experiência. Uma imersão como essa não seria possível, se pessoas não refletissem sobre a educação plural, com muitas conexões e afetividade. O meu muito obrigado, Prof. Dr. José Ivanildo Felisberto Carvalho e Prof. Dr. Marcos Alexandre de Barros Melo.

Figura 5 - Foto retirada no último dia do primeiro encontro



Fonte: Acervo do autor.



REFERÊNCIAS

- BATISTA, Matheus Henrique Bento. **[RE] pensando a escola:** desconstrução do espaço tradicional e intervenção em uma escola pública no estado de Sergipe. 2019. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo)- Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, v. 26, n. 01, p. 15-40, 2010.
- CUNHA JUNIOR, H. Arte e tecnologia africana no tempo do escravismo criminoso. **Revista Espaços Acadêmicos**, nº. 166, 2015.
- CUNHA JUNIOR, H. **Tecnologia africana na formação brasileira.** Rio de Janeiro: CeaP, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GONZALEZ, Lélia. De Palmares às escolas de samba, estamos aí. **Mulherio**, São Paulo, ano II, n. 5, p. 3, jan./fev. 1982.
- MOURA, C. **Sociologia do negro brasileiro.** 2. d. – São Paulo: Perspectiva, 2019, -- (Palavras negras).
- NARITOMI, J. **Herança colonial, instituições & desenvolvimento:** um estudo sobre a desigualdade entre os municípios brasileiros / Joana Naritomi; orientador: Rodrigo Reis Soares; co-orientador: Juliano Junqueira Assunção. – 2007. 100 f.: il.; 30 cm.
- OECD. Brazil: Country Note - **Education at a Glance 2018:** OECD Indicators. Paris: OECD Publishing, 2018b.
- PERAZOLLI, L. A., NATALE Junior, R., BERTOCHI, M. A. Z., BENFATTI, A. C., ZAGATO, M. A. **A História e a Química da Cachaça.** In VII Encontro Paulista de Pesquisa em Ensino de Química, 2013.
- UDOP. **A história da cana-de-açúcar: da antiguidade aos dias atuais.** Disponível em: <https://www.udop.com.br/noticia/2003/01/01/a-historia-da-cana-de-acucar-da-antiguidade-aos-dias-atuais.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA OFICINA

CUNHA JUNIOR, H. Arte e tecnologia africana no tempo do escravismo criminoso. **Revista Espaços Acadêmicos**, nº. 166, 2015.

CUNHA JUNIOR, H. **Tecnologia africana na formação brasileira**. Rio de Janeiro: CeaP, 2010.

MOURA, C. **Sociologia do negro brasileiro**. 2. Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2019. (Palavras negras).

NARITOMI, J. **Herança colonial, instituições & desenvolvimento**: um estudo sobre a desigualdade entre os municípios brasileiros / Joana Naritomi; orientador: Rodrigo Reis Soares; co-orientador: Juliano Junqueira Assunção. – 2007. 100 f.: il.; 30 cm.

PERAZOLLI, L. A.; NATALE Junior, R.; BERTOCHI, M. A. Z.; BENFATTI, A. C.; ZAGATO, M. A. **A História e a Química da Cachaça**. In VII Encontro Paulista de Pesquisa em Ensino de Química, 2013.

UDOP. **A história da cana-de-açúcar: da antiguidade aos dias atuais**. Disponível em: <https://www.udop.com.br/noticia/2003/01/01/a-historia-da-cana-de-acucar-da-antiguidade-aos-dias-atuais.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.